

SEMINÁRIO UNIVERSIDADE SOCIEDADE

SEMANA KIRIMURÊ 2012
31/10 - 01/11 • CACHOEIRA - BAHIA



“Porque eu não vou assassinar a minha renda, não é?” Tradições, sustentabilidade e pressões na pesca artesanal em Ilhéus, BA, 1960-2008.

Luiz Henrique dos Santos Blumeⁱ

Pelas dificuldades de conseguirem terrenos para a construção de moradias, muitos trabalhadores pobres da cidade de Ilhéus buscaram as áreas próximas do mangue para a construção de suas casas, pois estão mais distantes de uma fiscalização do poder público, geralmente em bairros periféricos da cidade de Ilhéus. Nossa contato com os grupos de marisqueiras deu-se em três bairros em que os trabalhadores pobres ocuparam áreas de manguezal para a construção de suas casas. As marisqueiras com quem conversamos habitam os bairros São Miguel, Teotônio Vilela e Alto do Mambape, sendo que os dois últimos estão situados em áreas de mangue com ocupações recentes, a partir da década de 1990.

As marisqueiras de Ilhéus aproveitam-se do fato de morarem em regiões próximas do mangue, geralmente aterradas após ocupações de áreas próximas ou mesmo de manguezal, para realizarem suas atividades de pesca e coleta de mariscos. Apesar de suas casas terem sido construídas sobre a faixa de mangue e, por isso, tornarem-se uma ameaça à própria existência do mangue, porque detritos de lixo e esgoto foram despejados no mangue, elas criaram táticas para a ocupação dessas áreas que lhes possibilitaram o acesso direto à área de mangue e a exploração dos recursos naturais respeitando os ciclos da natureza.

TRADIÇÕES E MEIO AMBIENTE

Nas conversas que tivemos com as marisqueiras de Ilhéus, alguns demonstraram uma clareza sobre a importância da manutenção da biodiversidade. Elas mantêm uma relação de dependência em relação aos mangues, rios, lagoas e mar. Faz parte desta tradição de pescadores artesanais a utilização de apetrechos de pesca obtidos com materiais conseguidos na área de mangue, sendo os principais a *canabrava*, utilizada para a construção do *monzoá*, armadilha de pesca utilizada por marisqueiras e pescadores na captura da *moréia*, *aratu*, *siri*, *caranguejo*, *bagre* e outras espécies de peixes do mangue.

Da mesma forma, o equilíbrio ambiental na coleta, cata e reprodução das espécies é parte desta tradição, pois as marisqueiras e pescadores artesanais sabem da importância de se preservar certos lugares de pesca da ação humana predatória e destruidora. Dessa forma, têm consciência de que a construção de casas sobre os manguezais, sem infraestrutura sanitária, fatalmente diminuirá ou mesmo eliminará a presença de siris e mariscos.

Algumas narrativas trazem alguns embates dos pescadores do bairro São Miguel com outros pescadores, vindos de outras cidades da região e mesmo com barcos de pesca de médio porte. Isso mostra a presença constante de conflitos de interesses e pressões na pesca, sendo que os pescadores artesanais são o elo mais frágil dessa cadeia produtiva. Além disso, a super exploração dos recursos naturais, dos ambientes de mangue, a ausência de saneamento básico, a poluição dos rios Almada e Cachoeira, tornam mais difíceis a exploração e venda dos pescados.

A conversa com a marisqueira Dulciene e seu irmão Antônio indicam a destruição de armadilhas de pesca na praia, por barcos “de fora” da comunidade de pescadores do São Miguel. Assim, Antônio faz uma crítica à pesca com barcos “de arrasto”:

“(...) eles não respeitam o limite da área que eles devem pescar e o material que eles pescam também tem áreas de pesca aí que eles já devastaram, é a pesca de arrasto de balão. (...) Então quando ele passa com aquelas placas, aquela rede, ele tira todo o sedimento do fundo o mar, tirando, aqueles sedimentos são levados pelas correntes marítimas, eles não ficam ali naquele local, eles só ficam ali, fica tipo um, uma plantação, tirou a plantação fica só o chão limpo, aí se você não conseguir adubar ali, isso é feito pela natureza mesmo, tá entendendo? ... Mas só que a embarcação, essas embarcações motorizadas, não deixa, não tem o limite para pescar.”¹

Este tema da crítica à pesca de arrasto por barcos motorizados é um constante motivo de conflito com os pescadores artesanais, principalmente entre aqueles que praticam a “pesca de calão” e a pesca em barcos motorizados na baía de Ilhéus. No entanto, percebemos que tanto os órgãos de pesca como a Capitania dos Portos, quanto o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente), não possuem uma

¹ Entrevista com Dulciene Costa Santos – “Cica” e Antônio José Rodrigues, em 09.01.2009, na residência de Dona Sione, no bairro São Miguel, em Ilhéus, BA. Entrevista realizada por Fabiana Andrade e revisada por Luiz Henrique dos Santos Blume.

fiscalização eficaz no combate a esta prática. Este tem sido um tema frequente nas reuniões de pescadores artesanais, e uma queixa constante dos pescadores às colônias, que não tem o poder de fiscalizar ou mesmo multar os barcos de pesca que praticam a pesca de arrasto.

Nas narrativas dos pescadores artesanais a defesa da “pesca de calão” diante da pesca de arrasto com barco motorizado indica a presença forte de uma arte de pesca tradicional, não predatória, mesmo que cada vez mais empurrada pelos baixos estoques de peixes e pela competitividade dos barcos industriais ou mesmo dos grandes barcos motorizados.

A conversa que tivemos com o presidente da colônia Z-34, Zé Neguinho, é representativa desta preocupação. Apesar de seu discurso inicialmente procurar enaltecer a organização da colônia sob a sua presidência, sua narrativa trouxe elementos importantes para esta discussão. Apesar das divergências, sua posição tem muito em comum com a narrativa de Dulciene e seu irmão Antônio, quando questionaram a ação dos barcos de arrasto na baía de Ilhéus. De acordo com Zé Neguinho, hoje existem mais de 100 barcos de arrasto atuando na baía de Ilhéus, além dos barcos de pesca de outras regiões do país.

Zé Neguinho defende a “pesca de calão”, que segundo ele não é predatória, pois “*o pescador não pode chegar a cavar o mar, cavar a areia, mas o motor cava.*” Comparando o trabalho realizado pelo barco a motor e o trabalho realizado pelos pescadores no “calão”, Zé Neguinho traz uma dimensão *humana* do trabalho, em que o pescador pode controlar a sua força de trabalho e a exploração da natureza, de modo que a vida e a reprodução do ambiente em que sobrevive sejam preservadas. Assim, ele nos diz:

“Até porque a pesca de calão, você como um homem, você não pode estar o dia todo, pescando. (...) você chega quatro horas da manhã, quando é oito horas, nove horas, você já botou sua rede, já foi pra casa para descansar, o mar precisa descansar. Assim, o mar fica descansando, um dia e uma noite. O motor, não, é de dia e de noite, ali.”²

Esta concepção de que o *pescador* precisa descansar, assim como o *mar*, pode dar uma dimensão da relação que estes pescadores e marisqueiras procuram manter com o ambiente em que vivem e dependem para a sua sobrevivência. Mais do que um discurso, a relação com o meio ambiente é uma relação de dependência e de *respeito*, quase como uma *devoção*.

Não se trata necessariamente de um discurso ecologicamente correto o mais aplicado, mas uma defesa das artes da pesca tradicionais, de baixo impacto ambiental e também de baixa produtividade. O que os pescadores questionam não é necessariamente a embarcação de arrasto em si, mas o prejuízo que elas causam na pesca posterior nos mangues, rios e na baía de Ilhéus.

Estas narrativas tratam das *artes da pesca* e das dificuldades em se manter uma tradição de pesca artesanal, no enfrentamento da especulação urbana, favelização dos mangues e margens dos rios, avanço do mar por conta do porto do Malhado, e das disputas pelos mariscos, com o aumento da população pobre de Ilhéus que partiu para a mariscagem como forma de sobrevivência.

² SANTOS, Reinaldo Oliveira dos (Zé Neguinho). (61 anos). Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume, na sede da peixaria da colônia de pescadores Z-34, no bairro do Malhado, na Av. Antonio Carlos Magalhães, 360, Malhado, Ilhéus, em 23.02.2008. Gravação em fita cassete. Duração: 0:25. (11 págs.)

Além disso, nos trazem uma preocupação com a manutenção das artes da pesca e a continuidade desta atividade, pela destruição dos ambientes naturais onde os pescadores e marisqueiras retiram sua sobrevivência. Assim é que dona Rosemeire nos fala dessa problemática:

“(...) Mas eu nunca peguei uma fêmea, sempre jogo de volta, e eu acho revoltoso quem leva uma fêmea para casa, porque é, ali tem mais de duzentos filhotes . (...) Porque eu não vou assassinar a minha renda, não é? E aí eu vou fazer mal para mim mesma, né, porque seu eu acabar com a produção do que eu lucro, aí eu vou ter, no futuro eu vou procurar um siri e não vou achar, porque eu peguei firme para, não é, eu não deixei a bichinha se desenvolver, parir. A fêmea ovada, eu acho que ninguém devia pegar, né? (...)”³

Dona Rosemeire traz uma dimensão de *futuro*, ao criticar as marisqueiras ou pescadores que fazem a pesca de fêmeas, sem terem a preocupação com a continuidade da reprodução dos siris. O que a leva a sacrificar o lucro imediato, de pescar a fêmea com ovas, dá uma ideia de preservação da vida e reprodução da espécie, incluindo a si mesma e as suas próximas gerações. Esta crítica à pesca predatória, que não respeita as “leis” da natureza, também pode ser dirigida a outros pescadores que praticam a pesca indiscriminada, ao uso de técnicas que visam uma maior exploração dos recursos do mar e do mangue, tratando o pescado somente na perspectiva do mercado e do lucro imediato.

Em outro momento de sua narrativa, também faz a crítica à ocupação dos mangues, locais de reprodução de várias espécies e criatório de peixes:

“O mangue tá uma vergonha. O mangue tá uma vergonha”⁴

Aqui o tema da degradação ambiental ganha uma crítica mais grave, pois para a marisqueira, não é apenas uma dimensão ecológica, mas também moral, a degradação das áreas onde ela retira o seu sustento.

Dona Rosemeire demonstra uma articulação com outros conhecimentos, adquiridos na escola onde estudou o Ensino Médio. Esta interação entre as suas experiências com o ensino e as suas experiências de vida é um elemento importante na sua narrativa, pois a maioria das marisqueiras com quem conversei não teve acesso à educação. Assim, sua narrativa incorpora outros conceitos, vindos de um universo formal de educação, como a ideia de habitat, valorizando sua experiência de estudante e marisqueira:

“(...) Como nós fizemos um trabalho, tem uns cinco anos que a gente fez um trabalho lá no colégio, caranguejo, o professor de Geografia fez um estudo, diz que daqui a quinze, vinte anos, não vai existir mais. Porque se não tem o habitat, o habitat, assim, dele, como é que vai ter, como é que vai ser? Então eu acho muito ruim isso, para a gente, né?”⁵

³ MARQUES, Rosemeire Maria. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência da marisqueira, no bairro São Miguel, Ilhéus, em 13.09.2008. Gravado em Fita Cassete 1 (Lado A e Lado B) e áudio .wav, 16.5 MB. Duração 1:08:25.(34 págs.).

⁴ MARQUES, Rosemeire Maria. Entrevista citada.

⁵ MARQUES, Rosemeire Maria. Entrevista citada.

Nesta conversa com Dona Rosemeire, além do fato dela demonstrar uma preocupação muito grande com a continuidade de suas atividades enquanto marisqueira, ela também nos falou de suas andanças, até conseguir construir sua casa e criar seus filhos. O aumento das populações pobres que passaram a mariscar, pescar e coletar é sentido nas vidas dessas mulheres marisqueiras. Acostumadas a lidar com a pesca e mariscagem desde crianças, têm percebido os efeitos do aumento da procura do marisco como forma de sobrevivência.

Algumas marisqueiras nos narram que não haverá mais pesca no *futuro*. Por isso demonstram uma preocupação com os problemas ambientais e com o aumento do número de pessoas pescando, geralmente sem terem os mesmos cuidados com as formas de pescar.

No segundo encontro que tivemos com o grupo de marisqueiras do Teotônio Vilela em 2008, três anos após o primeiro encontro, Dona Tertulina, sempre se colocando à frente do grupo para responder, trouxe a problemática do aumento do número de pessoas mariscando e pescando no local onde elas faziam o seu trabalho, na “coroa”, no Rio do Engenho:

*“(...) Tem muita gente. Todo lado que você vai, chega dentro do mangue, você encontra cinco, seis pessoas, pescando o mesmo marisco, quando não tá pescando aratu, tá pescando lá na coroa, muapem, tá tirando sururu, ou tá cavando lambreta, aquela lambreta de mangue ... a gente conhece por lambreta e mussuni.”*⁶

Sua narrativa traz uma preocupação com a continuidade da atividade da mariscagem. Após conseguir a aposentadoria, em 2005, demonstrou preocupação com o *futuro* da mariscagem, pois ela tinha dois filhos ainda pescando, trazendo o marisco para ela fazer o *catado*, que é a extração do filé para depois poder vendê-lo nas ruas, barracas de praia e mesmo à colônia de pescadores.

Além do aumento das pessoas que vendem os mariscos na cidade, ela também trata da diminuição dos estoques de mariscos na “coroa”:

*“(...) A pescaria antes pra gente era melhor porque tinha menos pescador e tinha mais marisco. Você ia no mangue ... óxente, quantas vezes nós, ela e a irmã dela, nós pegamos aqui na maré, nós estávamos com dois, três, sacos de ostra. Ói o tamanho das pedra! Hoje a gente tem piquitita, não tem mais, é o maior trabalho pra você arrumar um litro da ostra escaldada.”*⁷

As marisqueiras possuem uma compreensão distinta de outros grupos da cidade de Ilhéus sobre o que seja uma relação não predatória dos recursos da pesca. Ao terem mais dificuldades para a captura dos mariscos e peixes, percebem no seu cotidiano, o significado prático de conceitos como “sustentabilidade” e “equilíbrio ecológico”.

Esta preocupação com a diminuição dos peixes é constante e comum nas narrativas dos pescadores artesanais e marisqueiras. Mais do que uma constatação dos problemas ambientais, esta população sabe que o futuro da pesca e da sobrevivência de suas famílias depende da manutenção da biodiversidade e da vida nos mangues e rios de Ilhéus. É da sua vida e de um futuro muito próximo que estão falando.

⁶ Entrevista com Tertulina da Silva Mota (59 anos) e outras. Ilhéus, 11/09/2008. Entrevistador: Luiz Henrique dos Santos Blume.

⁷ Idem.

As marisqueiras do Alto do Mambape também demonstraram a sua preocupação com o futuro da mariscagem. Os esgotos domésticos são despejados diretamente nos mangues, inclusive dos conjuntos habitacionais Ilhéus II e URBIS, próximos à área de mangue do Alto do Mambape. Além disso, Lúcia nos fala do aumento do número de pessoas que estão retirando os mariscos de forma predatória:

“(...) Eles cava, como se tivesse capinando, então aquilo ali vai matando. (...) Só vê as barrocas. É uma coisa feia tá no mangue. Então os próprios pescadores, estão destruindo o mangue”.”⁸

Esta narrativa remete aos cuidados que este grupo de marisqueiras tem com o mangue, criticando uma postura de outros pescadores que não enxergam no mangue um modo de vida, mas uma alternativa temporária de trabalho. A marisqueira Lúcia vive da mariscagem, aprendeu a mariscar com seu pai e ensinou às vizinhas as artes da pesca. Faz dessa arte uma profissão, como ela mesma fez questão de afirmar:

“(...) todo mundo que me pergunta o que eu faço, eu digo, “sou marisqueira”, e inclusive os meus documentos é tudo como marisqueira ... se me perguntam, qual é a minha profissão, eu falo, “sou marisqueira”, para mim, ser marisqueira é como se eu fosse formada (...).”⁹

A condição de “marisqueira” lhe dá uma identidade e revela a força desta mulher franzina, que sofre de dores e reumatismos por conta dos anos passados junto às águas de rios e mangues, mas que sabe da importância do mangue para a continuidade da sobrevivência de sua família e vizinhos, que dependem da mariscagem para a sobrevivência.

Sônia, vizinha e também marisqueira, narrou-nos a problemática da ocupação das áreas de mangue e retirada de madeira como um elemento a mais na devastação do ambiente em que retiram seu sustento:

“(...) E os outros que vão tirar madeira no mangue para fazer aquele roçado, enorme, que nem fizeram aqui em frente (...).”¹⁰

A retirada da madeira do mangue para o aterramento e plantação de roçados, a própria ocupação das áreas de mangue, tem sido um dos problemas que as marisqueiras têm enfrentado, na sua lida cotidiana pela sobrevivência. Além disso, pelo modo artesanal como elas realizam a coleta e a pesca do aratu, muapem, sururu, faz com que tenham que andar longas distâncias por entre os *esteiros*, até chegar à “coroa”. Depois, ao retornar para casa, após trazerem o produto da mariscagem, precisam ferventar água para cozinhar os mariscos, e aí, então, extraírem o filé, que é como elas chamam o processo de “fazer o catado”. Nesse processo, utiliza-se de galhos e madeira encontrada no próprio mangue para cozinham.

Ao fazerem todo o processo do “catado”, elas precisam entrar cada vez mais dentro do mangue para retirarem os galhos e madeira para o cozimento dos mariscos. Assim, o

⁸ SOUZA, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência de Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia), no Alto do Mambape, em 17.09.2008.

⁹ SOUZA, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevista citada.

¹⁰ SANTOS, Sônia Roseno dos, (36 anos); SOUZA, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevista citada.

desmatamento dos mangues, das áreas de mata ciliar dos rios faz com que tenham que percorrer um trajeto longo atrás de lenha para queimar. Com isso, o desmatamento a que Sônia se referiu, torna-se um elemento a mais para dificultar o trabalho das marisqueiras.



Foto 1- Área contígua ao quintal de Dona Tertulina, setembro de 2008.

As marisqueiras percebem o quanto as alterações no meio ambiente afetam o seu trabalho no mangue, também alterando ritmos de vida e trabalho, fazendo com que o resultado da mariscagem se torne cada vez menor, revelando também alterações no ambiente em que vivem. Sobre isso, Sônia nos disse uma frase que é significativa deste processo e da percepção que elas têm: “A natureza mesmo tá mudando”.¹¹

Vivendo nas margens dos manguezais, as marisqueiras utilizam-se dos recursos naturais o máximo que podem. Certos apetrechos de pesca, bem como o acesso às áreas de mangue são muito próximos do cotidiano das marisqueiras. Assim é que pude observar no quintal da casa de Dona Tertulina uma saída para o mangue e os restos de conchas de mariscos.

Isto pode explicar os vários tipos de espécies de peixes e crustáceos encontrados e narrados pelas marisqueiras, como peixes de água doce ou salobra (o robalo • um dos mais

¹¹ SANTOS, Sônia Roseno dos, (36 anos) e outras. Entrevista citada.

encontrados) e, ainda, caranguejos, siris, pitu, muapem, sururu. Com isso, h \cdot uma riqueza natural que pode ser explorada pelas populações ribeirinhas, na expectativa de conseguir um bom produto para ser vendido nas ruas e feiras-livres das cidades de Ilhés e Itabuna.

Além da observação no trabalho de campo, produzi algumas imagens do trabalho da cata do marisco e dos locais de moradia e trabalho das marisqueiras e pescadores com quem conversei. Nas idas a campo, algumas vezes pude registrar o cotidiano das marisqueiras e pescadores artesanais. O que estas imagens podem nos dizer? Partindo de uma perspectiva de um pesquisador que busca (re)conhecer experiências dessas mulheres e homens que fazem da pesca artesanal seu modo de vida, posso afirmar que esta também é uma experiência de buscar um universo desconhecido e, nesse sentido, *fotografar* “é *apropriar-se da coisa fotografada*”. (SONTAG: 2004, p.14).

Nesse sentido, algumas fotografias aqui apresentadas procuram *apropriar-se* dessa temática, ao passo que registrar estes momentos é também uma forma de *escritura*, utilizando-se de outra linguagem, compondo uma *paisagem*, na tentativa de um entrecruzamento daquilo que a palavra oral dos sujeitos narra e as imagens que o pesquisador constrói, a partir de suas fotografias.

Assim, algumas *imagens* foram revelando uma rica experiência de lidar com o mangue e as artes da pesca dessas marisqueiras e pescadores artesanais. Para realizar a cata dos mariscos, as marisqueiras dependem das condições da maré. Em dias de maré cheia, elas ficam esperando a maré vazar, para depois seguir pelos *esteiros*, regatos formados pelo movimento das marés, no mangue. A contiguidade de suas casas com o mangue lhes possibilita ter uma vivência com a natureza, permitindo-lhes uma intimidade com a maré, pois identificam os movimentos da maré cheia, maré morta, observando dos fundos de seus quintais as águas do mangue.

Helena e Dona Tertulina nos explicaram como fazem para mariscar. O quintal de suas casas, próximo às áreas do mangue; elas descem até a área onde os *esteiros* se formam, de onde partem com as canoas; empurram a canoa no meio da lama até encontrarem água suficiente nos *esteiros* para poderem navegar. Nestes pontos do mangue quando a mar \cdot enche, formam-se os *esteiros*, de onde partem com as canoas. Andando mangue adentro, percorrem grandes distâncias até encontrarem os pontos de coleta de mariscos, conhecido como “coroa” para, enfim, realizar o trabalho de catar os mariscos. A foto abaixo pode dar uma ideia da contiguidade entre a casa das marisqueiras e o mangue.



Foto 2 - Área contígua ao quintal de Dona Júlia, novembro de 2005.

Esta foto foi tirada do quintal da casa de Dona Júlia, no Teotônio Vilela, quando encontramos o grupo, em 2005. O que parece um mangue sem condições para uma pessoa percorrer a pé sem se atolar é um caminho para o *esteiro*. Notam-se os restos de cascas de mariscos, e uma clareira ao fundo. Caminhando por cima dos mariscos, que fazem às vezes de aterro, as marisqueiras chegam até a clareira e de lá, arrastam a canoa até o *esteiro*.

Na maré vazante, elas aproveitam-se do fluxo de água para embarcar na canoa. Quando a maré está baixa, elas precisam arrastar a canoa até o rio, e daí partir para a “coroa”, atravessando um braço do Rio do Engenho. Por ser uma região lacustre, os lagos formam-se de acordo com as marés, e dessa forma, a canoa é necessária para que as marisqueiras cheguem até a “coroa” para a mariscagem. Por saírem muito cedo, ainda sem luz do dia, as marisqueiras procuram sair em duplas, pois temem por sua segurança.

Helena tem os saberes necessários para entender a maré, observando-a do quintal de sua casa. Dessa forma, na maré morta, com a água enchendo os *esteiros*, estes sulcos alagadiços na lama tornam-se as trilhas e caminhos para chegarem até as áreas de coleta dos mariscos. Helena assim nos relata:

Fabiana – “Existe algum segredo para você pegar o marisco, ou você encontra fácil nas pedras?”

*Maria Helena – “Existe porque a gente tem que ver o lugar que tem mais...o lugar que você vê aqueles cachinhos no caso das ostras ali tá cheio... às vezes você tem que meter o facão cortar bem profundo para as grandes aparecer...e no caso do muapem você tem uma área bem grande..areia pura... aí você olha se não tiver buraco você não cave porque ali não tem e onde tiver buraco você cave que pode tá ali..se não tiver buraco você não cave.”*¹²

¹² Maria Helena Santos. Entrevista realizada por Fabiana Santana de Andrade, em 17.04.2006.

Seguindo pelos fundos de seus quintais, percorrem os *esteiros*, sulcos formados pelas águas da maré no mangue, empurrando as canoas até o rio, onde sobem nos barcos, atravessam o rio, e enfim, na “coroa”, passam a fazer a coleta dos mariscos, como o muapem, sururu, ostras e outros. O que as marisqueiras chamam de “coroa”, trata-se de uma pequena ilha de sulcos de areia, que surge quando as grandes marés estão plenamente baixas. Somente visível por quem vai à maré para pescar, é um lugar onde as marisqueiras se encontram e tecem redes de solidariedade.

Por ser distante da estrada, as marisqueiras precisam caminhar no meio do mangue, entre os *esteiros*, como elas dizem. Partindo do bairro Teotônio Vilela, tomam as ruas próximas às suas casas em direção ao mangue e caminham durante vinte minutos em meio aos *esteiros*, puxando uma canoa. Geralmente vão em duplas, pois a violência é um elemento a mais de preocupação. Após andarem no meio do mangue, chegam a um braço do rio do Engenho, e aí embarcam na canoa para se dirigirem ao local conhecido como “coroa”, onde vão iniciar a pesca propriamente dita.

Neste local, depositam-se sedimentos, no leito do Rio Cachoeira, na margem esquerda, em direção à Baía da Sapetinga, onde se encontra com outros três rios, Engenho, Do Meio, para daí formar a Baía do Pontal, desaguando no Oceano Atlântico. Apesar de estar distante do centro da cidade, e das dificuldades de acesso, este local é bem conhecido das marisqueiras de Ilhéus.



Foto 3 – O trabalho na “coroa”

Nesta fotografia, produzida num trabalho de campo de ANDRADE (2010, p.54), podemos ver as marisqueiras em seu local de trabalho conhecido como “coroa”. Na maré vazante ou “maré morta”, elas realizam a pesca ou coleta dos mariscos como muapem e sururú. Cavando no lodo – mistura de areia e outros sedimentos, elas “caçam” os mariscos, realizando movimentos parecidos com as marisqueiras que catam o chumbinho em Salinas de Margarida (GOMES: p. 29, 2009).

Temos ao fundo uma paisagem em que o mangue é destacado, com os arbustos de vegetação abundantes. Chama a atenção o aspecto das relações entre natureza e o trabalho das marisqueiras, pois elas parecem fazer *parte* do ambiente natural. A condição de trabalho também está explicitada, pois as marisqueiras foram fotografadas realizando a coleta dos mariscos, curvando-se as costas e cavando o solo com pouco ou nenhum instrumento para lhe auxiliarem na tarefa. Dessa forma, as descrições do trabalho insalubre ganham uma importância, quando identificamos o esforço físico e a repetição dos movimentos que fazem com que o corpo das marisqueiras pareça estar sendo “dobrado” ao meio pela atividade que exercem na “coroa”.

Dona Júlia, marisqueira aposentada do Teotônio Vilela, nos disse uma frase que é significativa deste esforço no trabalho das marisqueiras: “*Ali precisa natureza para a pessoa resistir, e é nessa posição que a pessoa se acaba*”.¹³

Sua narrativa nos traz outra dimensão do trabalho das marisqueiras. Apesar de ser uma atividade que não agride o meio ambiente, é um trabalho que exige um esforço contínuo e desgastante das marisqueiras. Nesse sentido, imagens idílicas ou mesmo romanceadas de uma atividade em que as marisqueiras pouco agridem a natureza são contrapostas à própria condição do corpo das mulheres que é castigado pelas condições impostas pela *natureza*. A frase de Dona Júlia é importante, pois traz *outra* natureza, que se opõe à *natureza* do corpo humano, na lida para a retirada de seu sustento na maré.

Por se tratar de um trabalho duro, muitas marisqueiras adquirem doenças ocupacionais. Maria Helena, três anos após nosso primeiro encontro, em 2008, não estava mais conseguindo ir à maré para realizar a coleta dos mariscos, pois adquiriu um problema na coluna que a impede de realizar a coleta dos mariscos. Quando a reencontramos, ela só fazia o “catado”, ou seja, a extração do filé do marisco, junto com sua mãe Dona Júlia e as vizinhas.

Apesar da dura jornada de trabalho na mariscagem e a extensão do trabalho nas suas casas, elas falam com orgulho de sua condição de marisqueiras. Assim, nas nossas conversas, muitas vezes nos responderam com paciência às perguntas que fazíamos, procurando dar explicações sobre como era desenvolvido o seu trabalho.

Segundo as marisqueiras com quem conversamos, elas realizam suas atividades durante a maré baixa e “maré de lançamento”, quando as águas do Rio Cachoeira e do Engenho “lançam” suas águas no mar. Dessa forma, este território torna-se para as marisqueiras e pescadores artesanais, locais onde não só desenvolvem as suas atividades de trabalho, mas também se tornam referências para a manutenção das artes da pesca tradicionais, onde imprimem suas marcas, nas artes de fazer e nas práticas da mariscagem.

Portanto, se há algo a aprender e a ensinar em termos de biodiversidade, devemos entender que as marisqueiras e os pescadores artesanais de Ilhéus e da região sul da Bahia nos ensinam, refazendo o contato e o equilíbrio com o meio ambiente, ao defenderem as artes da pesca artesanal. Eles refazem isto, na continuidade da tradição da pesca artesanal, lutando pela manutenção de suas atividades, por espaço nos mercados locais, sofrendo pressões de vários setores. Mas estes modos de vida e trabalho vêm sofrendo constantes ameaças.

¹³ Entrevista com Júlia Dias de Castro (60 anos) e outras. Ilhéus, 12/11/2005. Entrevista citada.

Nos últimos anos o turismo autodenominado “sustentável” tem instalado resorts de padrão internacional na costa de Ilhéus-Itacaré. Estes hotéis e pousadas pouco ou nada trazem para a qualidade de vida dessas populações pobres que vivem da pesca, que têm seus locais de pesca interditados, o acesso às praias impedido, por serem agora trilhas eco-turísticas, extensão apropriada ilegalmente por estes resorts de padrão internacional.

É preciso entender como algumas políticas públicas voltadas para o turismo na região interferem na manutenção dos modos de vida e trabalho dos pescadores artesanais. O turismo colocou uma situação complexa aos pescadores artesanais de Ilhéus. Ao mesmo tempo em que os pescadores procuram melhores vendas e renda no período das férias, com o aumento da venda do pescado, também sofrem pressões por parte dos complexos turísticos. Há um aumento da demanda de peixes, que nem sempre podem ser repostos os estoques em tempo hábil para a reprodução, e ainda, a concorrência com os barcos motorizados que praticam a pesca de arrasto na baía de Ilhéus.

Em outros municípios, já se pode observar a limitação de áreas de pesca e a proibição de apetrechos de pesca artesanais, entre os quais a pesca de *camboa* e a pesca de rede. A disputa por lugares nas praias ao norte de Ilhéus, no distrito de Barra Grande, município de Maraú, traz outras dimensões das pressões que os pescadores artesanais estão sofrendo.

O pescador Tomtom nos falou de uma pescaria farta, há anos atrás, quando deixou a cidade de Salvador para viver da pesca em Barra Grande e também se preocupa com a alteração do ritmo e da necessidade de se adaptar às novas conjunturas. De pequena vila de pescadores, o distrito de Barra Grande hoje é um dos principais roteiros turísticos do estado da Bahia. Desta forma, a manutenção de artes da pesca tradicionais teve que ser redirecionada, para poder haver uma convivência com os turistas. Assim, algumas alterações no cotidiano dos pescadores ocorreram. Uma dessas é a limitação da presença de armadilhas de pesca nas praias, a exemplo da *camboa* ou *gamboa*.

“(...) Porque, ela, queira ou não, ela causa assim, um impacto, ao turista, ela diminui o tamanho da praia ... então, cada camboa daquela ali, você tem um restrição da praia, certo? Então a gente fez um acordo de não colocar mais camboas, para os deveres dos associados, né, retirar os tocos que tinha nelas, que causavam perigo para os banhistas, que pode assim, uma estocada, ou tomar um corte (...).”¹⁴

Em Ilhéus, há a perspectiva da construção de um grande terminal rodo-ferro-aéreo-marítimo, um complexo que visa o escoamento e a ligação com a ferrovia Norte-Sul, a partir do município de Barreiras até o porto Sul, em Ilhéus. Esta ferrovia já está em fase de estudos, e poderá trazer muitos impactos à região, em especial à pesca artesanal.

Está prevista a construção de um porto marítimo na costa norte de Ilhéus, no distrito de Juerana, que deverá atingir várias comunidades de pescadores estuarinos da Lagoa Encantada e das praias do Norte. A construção deste grande terminal prevê a ocupação de uma Área de Proteção Ambiental para o depósito de minérios como bauxita, chumbo e até urânio, vindos dos municípios de Caetité e Brumado, e da produção de grãos do oeste baiano.

¹⁴ Entrevista com “Tomtom”- Antônio César Paraíso Santiago. Local e data da entrevista: Barra Grande, Maraú, 27/08/2006. Entrevistador: Luiz Henrique dos Santos Blume. Duração: 01 h:49:10.

PARA CONCLUIR:

As marisqueiras identificam-se enquanto profissionais, defendendo artes da pesca tradicionais, o uso de apetrechos de pesca tradicionais, fabricados artesanalmente, que não sobre exploram a capacidade dos recursos dos mangues, rios e lagoas. Seus modos de vida particulares, singulares, articulam as questões de sobrevivência, da venda, pesca, com as questões do meio ambiente, dos modos de vida, com os seus valores, apostando em projetos futuros e utopias de viver das marisqueiras e suas famílias.

O conjunto de saberes faz parte da *consciência prática* dessas mulheres marisqueiras. É na cultura e *pela* cultura que os modos de vida dessas pescadoras artesanais dão sentido à sua experiência de vida e trabalho na pesca. Este *saber-fazer*, da prática da mariscagem, é adquirido em companhia de seus maridos, vizinhas, acompanhando os pais nas atividades no mangue, ou algumas vezes observando os movimentos da natureza, que faz parte dessa tradição viva da pesca artesanal em Ilhéus.

As marisqueiras, para afirmarem-se como tal, tiveram embates com seus maridos, com os companheiros de atividade, para firmarem-se enquanto *profissionais* da pesca. Enfrentando preconceitos, discriminações, oposições, construíram um campo de luta no qual puderam sobreviver e criar espaços de resistência à dominação masculina na pesca e na sociedade.

Nas suas narrativas, demonstraram as fortes pressões que tiveram que superar para o reconhecimento da condição e profissão de marisqueiras. As marisqueiras vão constituindo espaços do fazer feminino na pesca artesanal em Ilhéus. Isto inclui as formas de trabalhar de mulheres que alternam ritmos de vida e trabalho, nas atividades domésticas, no cuidar da casa e da família, com as atividades da pesca e mariscagem, na maré e nos rios e lagoas de Ilhéus. Alternando estes ritmos, as marisqueiras vão construindo práticas que lhes possibilitam entender e praticar as artes da pesca, constituindo uma marca das suas atividades enquanto profissionais da pesca artesanal em Ilhéus.

As atividades de pesca e mariscagem envolvem todas essas dimensões apontadas. A presença e a afirmação dessas tradições da pesca artesanal, herdadas de suas experiências e vivências familiares, comunitárias, pessoais, renovam-se e se atualizam na experiência de vida dessas mulheres, que se autoidentificam enquanto trabalhadoras da pesca artesanal, *profissionais marisqueiras*.

FONTES ORAIS: ENTREVISTAS

Márcio Luiz Vargas Barbosa, 47, administrador da colônia de pescadores Z-34, 21/08/2004. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume.

Júlia Dias de Castro, 60, recolectora de moluscos, Tertulina da Silva Mota, 59, marisqueira; Gileno Ferreira dos Santos, 75, pescador artesanal; Maria Helena Castro dos Santos, 32, marisqueira; Ilhéus, BA, 11.09.2008. Entrevistados por Luiz Henrique dos Santos Blume.

Júlia Dias de Castro, 60, marisqueira, Tertulina da Silva Mota, 59, marisqueira; Gileno Ferreira dos Santos, 75, pescador artesanal; Ilhéus, BA, 12/11/2005, entrevistados por Luiz

Henrique dos Santos Blume e Fabiana Santana de Andrade.

Rosemeire Maria Marques, 47, marisqueira, Ilhéus, BA, 13.09.2008. Entrevistada por Luiz Henrique dos Santos.

Antônio José Rodrigues, 38, pescador artesanal e “Cica” - Dulciene Costa Santos, 42, marisqueira, Ilhéus, BA, 09.01.2009, entrevista realizada por Fabiana Andrade.

Maria Helena Castro dos Santos, 32, marisqueira, Ilhéus, BA, 17/04/2006, entrevistada por Fabiana de Santana Andrade.

“Zé Neguinho” - Reinaldo Oliveira dos Santos, 61, pescador artesanal e presidente da Colônia de Pescadores Z-34 de Ilhéus, Ilhéus, BA, 23.02.2008. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume.

“Lúcia” - Maria Luciene Santos de Souza, 44, marisqueira; Sônia Roseno dos Santos, 36, marisqueira; Jucélia Jesus de Souza, 30, marisqueira; Milena Santos Pereira, 18, marisqueira, Ilhéus, BA, 17.09.2008. Entrevistadas por Luiz Henrique dos Santos Blume.

“Tomtom” - Antônio César Paraíso Santiago, 40, pescador artesanal e presidente da Colônia de Pescadores Z-62, Maraú, BA, 27/08/2006. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Fabiana Santana de. *Tecer redes, tecer histórias: as experiências de vida e trabalho das pescadoras em Ilhéus – BA, 1980-2007*. Dissertação (Mestrado em História).

Feira de Santana: UEFS/Programa de Pós-Graduação em História/Departamento de Ciências Humanas, 2010. 134 fls.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. "Viver de tudo que tem na maré": tradições, memórias de trabalho e vivências de marisqueiras em Ilhéus, BA, 1960-2008. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. 184 fls.

CASTELLUCCI Jr, Wellington. *Pescadores e roceiros: Escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX (1860-1888)*. Salvador/São Paulo: FAPESB, ANNABLUME, 2008.

GOMES, Rosana Costa. *A vida no vai-e-vem das águas: mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, trabalho, cultura e meio ambiente (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado Em História Regional e Local). Santo Antônio de Jesus: UNEB/Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional/Departamento de Ciências Humanas, 2009. 147 fls.

MACEDO, Ítalo Oliveira. *Caracterização sócio-econômica da população do bairro Teotônio Vilela no município de Ilhéus-BA*. Monografia de Graduação. Ilhéus: CEDOC/UESC,

Setembro de 2005. (mimeografado)

ROSÁRIO, Jeruza Jesus do. *Marisqueiras e pescadoras: o cotidiano na reserva extrativista baía do Iguape-BA*. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Santo Antônio de Jesus: UNEB/Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, 2009. 127 fls.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 5.^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Tradução de Rubens Figueiredo)

ⁱ Professor Assistente de Teoria da História na UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
luizblume@yahoo.com.br